

NELLY NOVAES COELHO: UMA MESTRA DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Por José Mário da Silva

Ensaísta consagrada, nacional e internacionalmente, a professora doutora Nelly Novaes Coelho é um raro exemplo de um bem correlacionado consórcio entre sobrança competência técnica e inspiradora dignidade profissional, traduzida, sobretudo esta última, por uma inabalável profissão de fé no poder que a literatura tem de se constituir num instrumento de humanização e cidadania.

Considerando que a realidade do professor brasileiro, em todas as instâncias em que ele atua, tem se revestido de descaso e ignomínia, não são poucos os que, com o passar do tempo, vão se desencantando; perdendo a esperança e abandonando a utopia, com a qual acreditaram, um dia, ser possível transformar a iníqua realidade pátria.

A trajetória da mestra Nelly Novaes Coelho, ao contrário, tem emulado contra o desânimo e, em direção diametralmente oposta, se pautado por um infrangível compromisso com o ser/fazer docente universitário, que o diga a sua impressionante, verdadeiramente incansável, produtividade intelectual, matizada pela imensa quantidade de livros que tem escrito, sempre com o indelével selo portador de inquestionável qualidade.

E quando me refiro à produtividade que emblematiza o itinerário da criadora do clássico *Literatura & Linguagem*, não estou pensando no slogan “tem de produzir”, a cujo autoritário império os professores universitários muitas vezes se subjugam, a fim de se compatibilizarem com sistemas avaliativos imediatistas e, frequentemente, pouco pacientes com as reflexões mais verticalizadas, carecedoras, para o seu pleno desabrochar, de um tempo de maturação mais lento e ponderado.



A produção ensaística da professora Nelly Novaes Coelho move-se por outros vetores. Na Universidade de São Paulo, da qual foi professora titular de Literatura Portuguesa, implementou, divulgou e sistematizou a cadeira de Literatura Infantil, dela se constituindo uma consagrada especialista, numa quadra em que muitos ainda a consideravam, preconceito ainda não desaparecido de todo, como uma modalidade menos nobre de manifestação da literatura.

Seu pioneirismo nessa matéria deu grande contribuição para que a Literatura Infantil passasse a ter, noutras instituições de ensino superior do país, um tratamento mais consentâneo com o seu valor e importância. Outro aspecto sobremaneira enriquecedor do notável magistério teórico-crítico da professora Nelly Novaes Coelho diz respeito ao olhar descentrado e descolonizado que o essencializa.

Para muitos críticos literários brasileiros, seja dita esta discricionária realidade, somente deve ser catalogado como literatura brasileira o que se produz nas prestigiadas, político-economicamente, geografias culturais do sul e sudeste do país, mais precisamente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, ficando tudo o mais que é produzido no restante do país, relegado à laje fria do esquecimento e do pesado e injusto silêncio.

Transforma-se em ilha, o que, na verdade, é um gigantesco e inabarcável continente: o Brasil, com as suas admiráveis variedades e idiossincrasias, sobretudo no campo estético-literário, com cada região exibindo os seus artistas nos mais diversos territórios: poesia, ficção, teatro, ensaio, dentre outros.

Descentrado e descolonizado, como dissemos, o olhar teórico-crítico da professora Nelly Novaes Coelho, tal qual um movente e dinâmico caleidoscópio, transita por várias paisagens, sempre no desiderato maior e indesejável de rastrear, com saber, sabor e paixão, o multifacetado horizonte humano divisado pela polissêmica palavra da literatura.

Assim é que flagramos, no espólio analítico da aguda leitora de Aquilino Ribeiro, os lúcidos estudos sobre Nauro Machado, José Alcides Pinto, Francisco Carvalho, Figueiredo Agra, Carlos Nejar, Antonio Nobre, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Raul Brandão, dentre outros autores que encontraram na exegese de Nelly Novaes Coelho, apreciação crítica da mais elevada estirpe.

Sem buscar na sexualidade dos autores a validação estética das obras abordadas, fugindo, portanto, a meu ver, de dogmatismos contraproducentes e ingênuos quase sempre, não há negar que Nelly Novaes Coelho, assim como ocorrera em relação à Literatura Infantil, também tem se constituído como uma das pioneiras no estudo das produções literárias de autoria feminina, tendo, inclusive, nesse particular, trazido à baila obras extremamente significativas, a exemplo de alguns monumentais dicionários de escritoras brasileiras, reveladores de um esforço imensurável na busca de um vasto número de autoras e obras, as quais, na ausência de arrojados projetos de pesquisa como os protagonizados pela professora Nelly, ficariam completamente desconhecidas do grande público.

Nesse diapasão, a aludida professora, conquanto conheça os canônicos artefatos estético-literários da história da humanidade, não se deixa aprisionar pelos inflexíveis parâmetros demarcatórios do autor maior vs. autor menor, os quais nem sempre, ou quase nunca, são exatos; antes, são, frequentemente, passíveis dos revisionismos impostos pelo tempo, crítico severo, constante e inescapável. Daí a razão seminal de encontrarmos, em seus escritos, tanto escritoras já devidamente inseridas no cânone da literatura, quanto outras tantas, ainda desconhecidas, mas portadoras dos estatutos conferidores de literariedade, por meio dos quais, a crítica literária vai exercendo a sua tarefa de aferidora e recriadora, ao mesmo tempo, das obras da literatura sobre as quais se debruça.

Outro ponto que reputo extremamente valioso na ensaística da professora Nelly Novaes Coelho é o modo como nela a solidez teórica acumplicia-se a uma simplicidade expositiva admirável, fruto e virtude da maneira parcimoniosa como ela se utiliza dos termos oriundos da Teoria Literária.

A Teoria da Literatura, dada a especificidade do conhecimento por ela exibido, frequentemente se faz acompanhar de uma terminologia terrivelmente árida, muitas vezes indigerível, até mesmo para os que nela são iniciados. Tal aridez excessiva, por vezes, constitui-se numa verdadeira pedra no meio do caminho dos que apreciam a Crítica Literária, e nela vislumbram, conforme preconizava Fidelino de Figueiredo, “uma vocação superior do espírito e da inteligência”.

Em suas agradabilíssimas Notas de Teoria Literária, o nunca esquecido Afrânio Coutinho afirma que nos anos setenta, áureo período de hegemonia dos modelos da Nova Crítica recém importados pela universidade brasileira da Europa, principalmente da França, triste do professor que, pretextando erudita atualização teórica, não vivesse “papagueando” teóricos e teorias pouco compreendidos, porque lidos mal e apressadamente.

Nesse contexto de indisfarçável pedantismo conceitual-terminológico, coitados dos alunos que, tanto na graduação quanto na pós, viviam cercados de nomenclaturas insuportáveis; e, às vezes, saíam das universidades sem ler, a contento, as grandes obras da nossa literatura, sequer um romance ou um livro inteiro de poemas, conforme bem pontuou Osman Lins, no seu excelente *Do Ideal e da Glória: Problemas Inculturais Brasileiros*.

Outro é o itinerário percorrido pela linguagem nellyniana. Nela, há simplicidade sem simploriedade; profundidade sem afetação; e, acima de tudo, um acentuado grau de comunicabilidade. Em muitos aspectos, o estilo da criadora de *O ensino da literatura* guarda semelhança com o de Antonio Candido, outro paradigmático ícone da Crítica Literária brasileira, que sempre primou por conferir aos seus textos o coloquialismo próprio da conversação inerente à sala- de -aula.

Por último, a ensaística de Nelly Novaes Coelho sempre se mostrou preocupada com a dimensão pedagógica, isto é, sempre foi voltada para ministrar aos alunos, sobretudo os que

dão os primeiros passos no universo das letras, os indispensáveis conceitos da ciência da literatura, os rudimentos necessários para quem pretende, de fato, embrenhar-se, sem reservas, nessa incontornável floresta de signos, que é a literatura, uma das mais extraordinárias invenções da inteligência e sensibilidade humana.

Discorrendo sobre Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Fernando Pessoa, dentre outros tantos escritores da literatura brasileira e portuguesa, apresenta a brilhante ensaísta de *Escritores Portugueses*, o mesmo sotaque híbrido de ciência e arte, razão e emoção, conhecimento e paixão, próprio de quem fez da literatura a sua “segunda alma”, como diria Machado de Assis; porque, desde cedo, compreendeu que “a literatura, dentre todas as artes existentes, conforme acertadamente doutrina Wendel Santos, é a que mais profundamente revela o homem.

JOSÉ MÁRIO DA SILVA (PARAÍBA). Crítico Literário e Professor de Literatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É autor do livro: *Os Abismos do Ser* (Galo Branco, 2009), entre outros. Vice- Presidente do Pen Club da Paraíba. Tem ensaios e artigos publicados em alguns dos principais suplementos e revistas literárias do país.